
Cyberculture and indignation in the networks: New Social Movements in the Internet Age

Cibercultura e indignação nas redes: Novos Movimentos Sociais na era da Internet

Received: 2023-06-30 | Accepted: 2023-07-01 | Published: 2023-07-05

Walter Rodrigues Marques

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8744-2180>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: waltermarques@usp.br

Maira Teresa Gonçalves Rocha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7723-277X>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: rocha.maira@ufma.br

Andréa Luísa Frazão Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4000-4855>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Brasil

E-mail: andrea.frazao@unesp.br

Eliane Cristina Leite dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2659-0101>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: negra.cristina79@gmail.com

Marcia Andréa Silva Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3417-7176>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: marciaandrea@outlook.com

Regeanne Santos Guaianaz

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9376-0395>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: guaianazregeanne@gmail.com

Bruna Monique Cunha Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9248-7745>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: brunamonick@hotmail.com

Hugo Leonardo Pereira Bezerra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1769-7233>

Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: hugolpbzerra@gmail.com

Luís Félix de Barros Vieira Rocha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9309-3175>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: felix_rocha_luis@yahoo.com.br

ABSTRACT

The essay reflects the indignation on the networks, relating the actions of social actors and their activist repertoires, and the use of technological innovations in media and mass communication at the end of the 20th century. XX and beginning of the XXI. It reflects on the new reality of social practices arising from this transformation, in new collective forms of organization and communication provided by the advent of the Internet. It proposes to address the role of media and communication technologies in the current stage of capitalism and movements contesting State action. Emphasis is placed on the analysis of cyberspace and the networks that inhabit it, new sociability environments and the construction of political mobilization alternatives. Data were collected on the web (virtual ethnography), therefore, a literature review with qualitative analysis. It brings Castells (1999; 2000; 2010), Lévy (1999), Harvey (2012; 2014), Alonso (2009), Gohn (2003; 2007), Boltanski and Chiapello (2009), as a theoretical framework. The internet is a two-way street – democratic and disputed territory, where the intense narratives produced on it add gains to social movements.

Keywords: Cyberspace; Internet; Social media; Economic sociology; New Social Movements.

RESUMO

O ensaio reflete a indignação nas redes, relacionando ações de atores sociais e seus repertórios ativistas, e uso das inovações tecnológicas de mídia e comunicação de massa do final do séc. XX e início do XXI. Reflete-se sobre a nova realidade de práticas sociais originadas dessa transformação, em novas formas coletivas de organização e comunicação proporcionadas pelo advento da Internet. Propõe-se abordar o papel das tecnologias de mídia e comunicação na atual etapa do capitalismo e dos movimentos de contestação da atuação do Estado. Enfatiza-se a análise do ciberespaço e as redes que nele habitam, novos ambientes de sociabilidade e construção de alternativas de mobilização política. Os dados foram coletados na web (etnografia virtual), portanto, revisão de literatura com análise qualitativa. Traz Castells (1999; 2000; 2010), Lévy (1999), Harvey (2012; 2014), Alonso (2009), Gohn (2003; 2007), Boltanski e Chiapello (2009), como marco teórico. A internet é uma via de mão dupla – democrática e território em disputa, onde as intensas narrativas nela produzidas agregam ganhos aos movimentos sociais.

Palavras-chave: Ciberespaço; Internet; Redes Sociais; Sociologia econômica; Novos Movimentos Sociais.

INTRODUÇÃO

Pensar a estrutura e a conjuntura política e como se dá a relação com a sociedade se faz cabal no primeiro quartel do século XXI, é preciso perceber a forma como o Estado tem se inclinado ao interesse do mercado de capitais como principal esfera das relações, deixando o ser humano como um mero item, sem importância para a manutenção de tais relações, relegando-o à periferia do mundo, seja política, econômica ou socialmente. “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes” (MARX; ENGELS, 1998 apud GONÇALVES, 2008, p. 66-67). Segundo Marques (2022), o Brasil polarizou-se no pós-2014 em esquerda e direita, afundando-se numa guerra de narrativas que usa, especialmente a internet (por meio das redes sociais). Mídia, religião, política, conservadorismo, verdade, *fake*

news, tornaram-se uma coisa só, polarizados em dois lados, caracterizando uma verdadeira luta de classes. Embora as redes tenham contribuído para o desenvolvimento e crescimento dos movimentos sociais - caracteristicamente de reivindicações de direitos negados aos subalternos – torna-se, inegavelmente, uma ferramenta que fortalece também a luta da direita conservadora para a manutenção de seu *status quo* (MARQUES, 2022).

É a partir da forma de tratamento que o Estado dá ao povo, ao capital e aos detentores de poder, que surgem os movimentos sociais. Em um primeiro momento, na forma física de reivindicações e, na atualidade, de forma mais abstrata, pois nem sempre os atores dessas reivindicações estão em espaços físicos como praças, ruas e avenidas. Todavia, isso não significa dizer que não estão lutando. O estão fazendo em outros espaços - os virtuais – campos de batalha pluridirecional, outras plataformas de atuação, articulando a criação de redes de lutas, as quais podem mobilizar uma quantidade exponencial de pessoas, o que os movimentos corpo a corpo, frente a frente, encontram dificuldade atualmente, tendo em vista a relação com a internet.

Essas redes de mobilização constituídas a partir dos espaços virtuais (no ciberespaço), conclamam os mais variados tipos de agentes, que podem se identificar com uma causa em questão, ou podem simplesmente agir por sentimento de solidariedade, caracterizando a mutualidade do sentimento de classe. As ações estatais e de empresas privadas têm forçado as minorias étnicas, raciais, de gênero e demais classificações (classifica-se para unir num sentimento de pertença) a se juntarem e formarem um *corpus* para contra-atacar, uma vez que a luta individual dispensaria mais tempo e menos efetividade nas ações.

Portanto, as redes de comunicação propiciam essas inter-relações, formando as sociedades em rede - as redes de indignação, e, a esperança de alcançar objetivos e realizar sonhos que são cerceados pelo grande capital com a permissão do Estado. As linhas que se seguem buscam discorrer sobre o papel da Internet na proliferação dos movimentos sociais na internet: os Novos Movimentos Sociais (NMS), os quais estão ancorados na rede - a sociedade em rede. Expressando-se numa nova cultura, a cultura *cyber* como caminhos de ação, não desmerecendo os movimentos sociais tradicionais, mas sim utilizando-os como referência em sua retrospectiva e assentando-se em suas bases históricas.

O marco teórico do ensaio é inspirado em Manuel Castells (1999; 2000; 2010), Pierre Lévy (1999). Todavia, agrega outras referências. Fez-se um caminho do histórico da sociedade em rede, introduzindo uma história da informática e depois o surgimento da Internet, embora de forma sucinta. Conceituou-se os movimentos sociais tradicionais para assentar os Novos Movimentos Sociais e suas formas de atuação.

Exemplificou-se alguns movimentos que permearam a rede, como as “Jornadas de junho de 2013” no Brasil; o movimento “Occupy Wall Street”; os “Indignados na Espanha” e, outros que ganharam notoriedade por suas ações e/ou feitos em relação à não efetividade do Estado no processo de mediação dos conflitos (HARVEY, 2014).

O Estado tem se furtado do seu papel de mediar as relações conflituosas entre o povo e as empresas representantes do grande capital, favorecendo este, uma vez que os indivíduos representam força incapacitante diante do empresariado que não mostra limites na busca do lucro. Isso fez com que os indivíduos incapacitados pela força do grande capital se unissem, caracterizando assim, a criação das redes de indignação e de esperança dos oprimidos, mas não derrotados, pois continuam a lutar para serem reconhecidos enquanto agentes do processo cultural do mundo – como parte da cultural global.

A questão não é ser contra ou a favor, e sim reconhecer as mudanças qualitativas, o ambiente inédito proporcionado pelo ciberespaço (LEVY, 1999). O objetivo geral é fazer um esforço para compreender as experiências políticas que fizeram e fazem uso das mídias sociais como instrumento de veiculação e organização, dando ênfase em momentos pontuais ocorridos no pós-crise de 2008, onde essa relação se mostrou determinante para a atuação de tais movimentos, embora a união de corpos no espaço público, seja característica muito mais importante do que os fluxos de comunicação pela internet (HARVEY, 2012). A investigação da eficiência do uso das redes a favor (ou contra?) dos movimentos sociais, aborda diversos temas específicos como a viralidade e o *cyber* ativismo proposto, por exemplo, nos anos 90 pelos zapatistas, no que ficou conhecido como um movimento de Guerrilha Informacional (CASTELLS, 2000).

Objetiva-se analisar mais a fundo as características específicas dessas novas formas associativas no Brasil, especialmente no ano de 2013 (HARVEY, 2014) assim como as que continuam em execução até hoje como, por exemplo, nas manifestações contra grandes eventos esportivos em 2014/2016 e a onda de ocupações promovidas por secundaristas chilenos e brasileiros no corrente ano. Tendo em vista que o ensaio foi produzido antes da pandemia do Coronavírus (COVID-19), alguns apontamentos podem figurar estranhos por não abordar questões pertinentes ao assunto que se liga aos movimentos sociais.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

O ponto de partida de qualquer investigação sociológica é romper com o senso comum, e nesse caso é uma tarefa difícil, pois a motivação para construção deste trabalho, a antipatia ao consumo tecno-informático, criou uma predisposição inicial à crítica desenfreada, impedindo muitas vezes de notar o real problema sociológico por trás desse processo.

Passada a primeira e mais ingênua abordagem com a problemática da tecnologia, se torna mais específica a empreitada ao dar ênfase nos processos políticos influenciados pela relação dos movimentos sociais – mídias sociais.

Aventurar-se no estudo do que ainda não foi abordado implica em alguns pontos de maior dificuldade, principalmente metodológicas, embora tenha noção que dentro desse complexo

processo, fazer uma abordagem antropológica possibilitaria a identificação dessas novas representações, discursos e práticas sociais emergentes dessa relação. O estudo em questão privilegia análise do espaço virtual, entendendo que ele é ocupado por atores sociais que se utilizam das novas tecnologias de comunicação e informação para conquistar novos espaços de atuação.

Portanto a obtenção de dados alternaria entre informações de periódicos online, blogs dedicados ao assunto, resgate do material veiculado nas mídias tradicionais e o mais importante, através de vídeos e materiais escritos pelos próprios agentes específicos inseridos no processo. Material esse obtido através de postagens, registros, manifestos e cartas abertas, além de uma série heterogênea de materiais escritos e disponibilizados na rede (a mídia ninja seria um dos vários exemplos de fonte), que demonstram o diálogo entre as manifestações concretas, os discursos teóricos emergentes e as práticas políticas coletivas executadas como produto desse processo.

A perspectiva de ciberespaço, do estudo das redes como aponta Castells (1999) aqui proposta não diz respeito a pensar o processo unicamente no seu desenrolar informacional, computadorizado e tecnológico, esse ciberespaço deve ser compreendido a partir de suas implicações e efeitos reais sobre o mundo social, portanto, fazer um estudo que envolva questões relacionadas ao espaço virtual não quer dizer uma limitação aos seus processos de funcionamento interno, mas todo um desdobrar prático na vida dos sujeitos e grupos sociais. A rede do ciberespaço não deve ser concebida como opositora à realidade, mas justamente como constitutiva de tal.

A pesquisa deverá basear-se sempre em manifestações políticas coletivas registradas, que atestam a estreita relação entre as novas possibilidades de mobilização e atuação no espaço público e mudanças ocasionadas pela internet e a telefonia móvel, nas novas formas instantâneas de comunicação, organização e atuação política, preocupando-se especificamente do processo de eficiência associativa (GOHN, 2003).

Para Alonso (2009, p. 59) a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS), embora não sendo uma escola coesa, tem em seus teóricos um ar de família. Os principais teóricos dessa corrente são Alain Touraine, Jürgen Habermas e Alberto Melucci¹. Uma mudança social da passagem do século XIX para o XX, ou melhor, a sociedade baseada na organização marxista não responderia ao momento do século XX, pois na “associação entre mudança social e formas de conflitos”, faltou introduzir a questão cultural para os movimentos sociais. O marxismo só levou em consideração o “enquadramento macro-histórico”. A TNMS não desprezou estes, mas incluiu

¹ Alonso destaque em nota de rodapé que a: Apresentações mais detidas da TNMS podem ser encontradas em Pichardo (1997), Hannigan (1985), Alexander (1998), entre outros.

a cultura como parte efetivamente importante para a constituição da luta e busca por direitos (ALONSO, 2009).

Habermas (1981 apud ALONSO, 2009, p. 62) caracteriza “os novos movimentos sociais como ‘subculturas defensivas’” que nasceram “em reação a ‘situações-problema’” e que são constituídos por grupos sociais que foram afetados em seus estilos de vida em:

[...] dois grandes tipos de gêneros. [...], os *green problems*, os efeitos colaterais do desenvolvimento capitalista: poluição, urbanização, experiências com animais para produção de remédio. [...], reações a problemas da *over-complexity* da sociedade contemporânea: riscos potenciais de usinas nucleares, poder militar, manipulação genética, controle e uso de informações pessoais, isto é, problemas que geram ‘riscos invisíveis’ (ALONSO, 2009, p. 62).

É a essa reação, à entrada invasiva na vida das ditas minorias sociais que os movimentos sociais, especialmente, os Novos Movimentos Sociais baseados na rede com uso das tecnologias da informação e comunicação investem, criando uma ampla teia comunicacional.

BREVE HISTÓRICO DA SOCIEDADE EM REDE

A partir da década de 1970, com a criação dos microprocessadores e o início da comercialização em larga escala dos PC (*Personal Computer*) a sociedade passa por um processo de integração informacional gradativo que 30 anos depois culminaria no triunfo da mundialização da Internet como plataforma interativa. Sobre esse processo de desenvolvimento da Internet, Lima et al. (2022, N/P), destacam que:

A internet inovou o sistema de comunicação, possibilitou rápido acesso a informações de todo o mundo por meio dela, possibilitando não apenas ver as coisas, mas também interagir com elas, tocá-las em sua realidade virtual. A internet possibilita conversar com quem se conhece, mas também com quem nunca se viu.

De acordo com Marques et al. (2020), as necessidades são provedoras soluções, e o desenvolvimento tecnológico surge quando dessas necessidades. Os autores afirmam que a tecnologia [referindo-se à tecnologia informática] é uma realidade e permeia toda a sociedade contemporânea. Por exemplo, desde a invenção “[...] da roda, a escrita, a máquina a vapor, avião, lâmpada, computador, internet.” (MARQUES et al., 2020, p. 66051), essa sociedade não para de surpreender e, sobretudo, a internet, tem provido uma gama de inovações na vida humana. Segundo Díaz Bernal (2017), o desenvolvimento tecnológico produziu mudanças significativas na sociedade contemporânea. As novas tecnologias inauguram a “era da informação” e com isso, uma nova sociedade - a sociedade pós-industrial.

As inovações técnicas e o impacto socioeconômico disso fez com que especialistas chamassem esse novo momento de “revolução da informação” ou da “microeletrônica”. A

sociologia econômica contemporânea se voltou para o estudo desses novos aspectos da sociedade - uma sociedade baseada em novas tecnologias para prover a mudança social.

Desde meados dos 1970 se está produzindo o que se denominou a terceira revolução tecnológica baseada no desenvolvimento dos conhecimentos em microeletrônica e a tecnologia da informação e as telecomunicações. Quando se criaram os primeiros computadores, nos anos 1950, não se esperava que se desenvolvesse em tão pouco tempo a informática como “arte” do tratamento da informação e os equipamentos informáticos, sua capacidade, rapidez, duração, custo etc.” (DÍAZ BERNAL, 2017, p. 190).

O amplo consumo de recursos tecnológicos que viria a partir de então, determinaria, entre outras coisas, novas formas de sociabilidade. A relação da sociedade com a mídia passaria agora a um novo estágio – tendo a internet como campo minado das disputas.

Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecnoeconômico. As tecnologias digitais surgiram então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento (LEVY, 1999, p. 32).

Marcada pela difusão dos meios tecnológicos de informação e comunicação, a atual etapa do capitalismo desmaterializa os suportes físicos de informação por meio da velocidade de seus processadores, a ponto de estabelecer um novo espaço de construção social e político.

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Portanto, possibilitado tecnologicamente pelos recursos já mencionados surgem uma série de novas formas de organização e relações sociais dentro desse mundo novo. Essas redes "são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação” (CASTELLS, 1999, p. 498).

Nesse contexto de novas tecnologias, surgem os chamados Novos Movimentos Sociais (NMS), baseados no uso da “rede”. Isso causou diversas mudanças sociais, ocasionadas pela assimilação dessas tecnologias de comunicação móveis, ou seja, o interesse é buscar nos chamados Novos Movimentos Sociais uma forma de movimentar mais ações com o intuito de romper com o modelo tradicional de organização e assim manter um grande número de participantes e adeptos dessas mobilizações, rompendo também com a lógica de comando de cima para baixo (saindo da verticalização para a horizontalização). Segundo Harvey (2012), os

movimentos recusaram o espaço institucional tradicional e se utilizaram de redes de comunicação alternativas (*Facebook, Youtube, Twitter*) para articular suas políticas de ação.

O processo que tornou possível aos indivíduos se organizarem coletivamente, de forma autônoma, descentralizada, não institucionalizada ou programática, surgiu por meio das redes sociais. Com isso, tornou possível construir novas modalidades de ação coletiva, novas modalidades de mobilização política como também desenvolver, agenciar e produzir à sua maneira uma gama de informações. Tudo isso envolto em um pano de fundo de crises do capitalismo e insatisfação geral.

O cenário a ser explorado para a investigação e demonstração desses movimentos é o pós- crise de 2008, no qual por conta da grave crise econômica provocada pelos Estados Unidos, os governos e grandes conglomerados financeiros decidiram salvar os bancos e condenar as pessoas, implementando uma série de medidas econômicas de aperto dos direitos trabalhistas, terceirizações, flexibilizações e precarização do trabalho em escala global. A crise sistêmica global era profunda, devastadora e de longa duração.

O avanço das medidas com o objetivo de manutenção das condições de acumulação capitalista desencadeou a indignação dos setores populares afetados em diversas partes do mundo, em especial os jovens. Aliado a esse processo, se acrescenta a insatisfação da grande massa em relação à política institucionalizada na figura de partidos e outros aparelhos tradicionais, esgotados em sua maioria pela característica institucionalizada e pragmática. Muitas vezes, pessoalizadas de seu funcionamento, esse processo institucionalizado não oferece mais suficiente atração que possa fazer com que haja adesão a esses programas, com agendas fixas e aparelhos clássicos de reivindicação social. Logo, a situação global de recessão e a maior atratividade das redes como espaço e recurso político, são ingredientes importantes no processo a ser estudado.

Em 17 de dezembro de 2010, um jovem vendedor de rua tunisiano de nome *Mohamed Bouazizi*, ateou fogo ao próprio corpo em autoimolação em protesto pela humilhação que passara nas mãos das autoridades do regime ditatorial do país. O ato de *Bouazizi* foi um dos muitos que eclodiram no norte da África, simbolizando desespero individual assim como esgotamento psicológico de muitos povos que se encontravam na mesma situação de *Bouazizi* (HARVEY, 2012). O vídeo mostrando o ato foi amplamente divulgado (viralizou) nas mais variadas plataformas virtuais de massa como *Facebook, Youtube, Twitter*. A ampla divulgação do vídeo de *Bouazizi* desencadeou uma série de manifestações de comoção e indignação, aliado a situação de insatisfação geral, especialmente, entre os jovens de setores populares.

A repercussão traria uma série de mobilizações e protestos de grandes massas que viria a derrubar o ditador da Tunísia a décadas no poder, não só esse, mas pela própria natureza difusa e expansiva que as informações têm na internet. Esse processo fora assimilado pela população de outros países que igualmente foram em busca de maneiras de lutar contra os regimes ditatoriais. A chamada Primavera Árabe teve efeitos reais em pelo menos 8 países do Oriente Médio e Norte

da África (RODRIGUES DE SOUZA, 2012). O argumento não é o de que a única causalidade desse processo - a ideia de que as redes sociais foram responsáveis por um mar de lutas. No entanto, é relevante ressaltar que sem ela jamais seria possível uma disseminação tão abrangente.

Houve uma sincronia cosmopolita febril e viral de uma sequência de rebeliões quase espontâneas surgidas na margem sul do Mediterrâneo e que logo se manifestaram na Espanha, com os Indignados da Puerta del Sol, em Portugal, com a Geração à Rasca, e na Grécia, com a ocupação da praça Syntagma. Em todos os países houve uma mesma força de ação: ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusavam o espaço institucional tradicional (HARVEY, 2012, p. 7).

Os protestos compartilharam técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, por meio do uso das mídias sociais já mencionadas, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na internet por parte do Estado.

Posteriormente aos acontecimentos da Primavera Árabe, seguiu-se também no Ocidente, uma série de movimentos sociais que também usaram de forma essencial as mídias sociais. David Harvey (2014) aponta alguns desses movimentos que se utilizaram amplamente das mídias sociais para convocar e organizar movimentos sociais, como: “Os Indignados na Espanha”, os jovens gregos, o movimento “Occupy Wall Street”, nos Estados Unidos, os movimentos dos secundaristas chilenos, entre diversos outros.

MOVIMENTOS SOCIAIS NA ERA DA INFORMAÇÃO

É pertinente o estudo dos movimentos sociais na atualidade, haja vista a constatação do esgotamento dos aparelhos clássicos de reivindicação política (partidos, sindicatos) em detrimento da ampla adesão dos variados atores sociais de diferentes estratos e reivindicações, as mais variadas em diversos lugares do mundo a movimentos surgidos e organizados nas redes de relações sociais a partir da indignação coletiva.

O Estado tem se inclinado para o mercado do capital financeiro a ponto de esquecer que seu fundamento é o povo. “A moderna sociedade burguesa, surgida das ruínas da sociedade feudal, não eliminou os antagonismos entre as classes. Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das antigas” (MARX; ENGELS, 2006, p. 46). O Estado, entendido como aquele que busca assegurar os direitos da sociedade, representa apenas a burguesia, pois desde as mais remotas etapas do desenvolvimento desta, vem assegurando suas formas de sobrevivência. “O poder político do Estado moderno nada mais é do que um comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX; ENGELS, 2006, p. 47).

Se o Estado era apresentado como resultado histórico, a historicidade não abarcava a própria humanidade, que somente conheceria dois estágios, o da barbárie e o da barbárie contida. Essa concepção de Estado desconsidera a existência tanto da capacidade formativa da sociedade, que instaura e produz indivíduos singulares com paixões e escalas de valores diferentes segundo os períodos históricos e as suas formas sociais de ser, quanto secundariza a capacidade transformadora da própria humanidade. Nesse sentido, cristaliza tanto um ser humano perverso quanto sua contraparte violenta e racional, o Estado (FONTES, 2010, p. 126).

Embora o foco de Fontes (2010) seja a transformação do capitalismo em capital-imperialista, a relação a ser feita aqui está em estreita relação com Harvey (2014) que é tornar racional algo irracional e o Estado tem forte participação nessa construção ideológica.

A partir do quadro de ação exposto acima – a forma como o Estado tem agido em nome do capital, marginalizando o povo – não seria difícil conceber uma rede de indignação planetária. Embora os movimentos reivindicatórios sejam em sua maioria locais, há aqueles que se entrelaçam mundialmente, por se identificarem com o mesmo objeto de opressão e, é possível pensar na classificação da sociedade tal qual como Marx e Engels pensaram a sociedade de outrora – burguesia e proletariado, uma vez que o Estado tem reforçado cada vez mais os *antagonismos de classe*, através de políticas neoliberais que acirram a *luta de classe*, concentrando a renda nas mãos de poucos, deixando a maioria à mercê dos farelos.

A ação da burguesia (capital financeiro e industrial contemporâneo) e do Estado tem retirado de forma contundente os direitos dos trabalhadores, cerceando suas formas de acesso aos bens materiais, portanto, impedindo a plenitude da vida dessa maioria, retirando desses desvalidos a possibilidade de usufruir das *condições materiais de existência*. Portanto, é o Estado e a burguesia capitalista e industrial que produziram no povo, a indignação coletiva – que é a luta em busca de melhores condições de vida, seja no trabalho, no lazer, nos seus direitos ao acesso aos bens produzidos a partir do espaço natural (transformação do mundo em espaço utilizável), respeitando as condições de igualdade, diminuindo assim as desigualdades sociais.

Com isso, pessoas de todas as partes do planeta juntam-se através da rede (internet e as novas mídias) para protestarem contra as imposições do Estado e burguesia ao cerceamento de seus direitos, caracterizando uma rede de indignação coletiva. Uma ferramenta considerada nesses termos é a “petição pública”, onde são elaborados abaixo-assinados virtuais em que as pessoas, através da internet, se manifestam contra ou a favor de determinada ação do poder público ou privado. Pode-se citar a *Avaaz*², que colhe assinatura em todas as partes do mundo por meio da

² É uma rede de ativistas para mobilização social global através da Internet. Foi fundada em 2006, tem sede em Nova Iorque, EUA. O site permite que pessoas ao redor do mundo iniciem campanhas com âmbito local, nacional e internacional. Tendo como principal missão a mobilização de pessoas de todos os países para construir uma ponte entre o mundo em que vivemos e o mundo que a maioria das pessoas quer.

rede em defesa dos desvalidos – as minorias – seja étnica, racial ou social, assim como o meio ambiente.

A rede, para Boltanski e Chiapello (2009) parte do processo de naturalização desta nas ciências sociais, ou seja, tornar histórica e natural a abordagem da rede nesta disciplina assim como a biologia busca se interligar à sociedade. “O desejo de fazer uma sociologia realmente científica com fundamento na análise de rede manifestou-se de dois modos diferentes. Pode-se qualificar esquematicamente a primeira de historicista e a segunda de naturalista” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 187). No entanto, há tensões entre as abordagens. Na primeira, “[...] (a rede é a forma que convém ao nosso tempo) [...]”, na segunda, “[...] (a rede é a textura constitutiva de todo o mundo social e até de toda a natureza) [...]”. Para se atenuar as duas concepções, a visão de mundo que deve ser concebida é a que ajusta a cidade numa lógica conexcionista (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 188).

Segundo Gohn (2007), a teoria dos movimentos sociais baseada no paradigma clássico é vista sob a ótica do funcionalismo, onde o comportamento coletivo seria ancorado na ação social parsoniana que considera o sistema social em vez do agente da ação. Parsons (1951 apud GOHN, 2007) leva em consideração as ações individuais, ou seja, é pelos papéis desempenhados pelos indivíduos que o sistema funciona.

A aplicação da teoria parsoniana aos movimentos sociais deu origem à abordagem funcionalista, em que são vistos como comportamentos coletivos originados em períodos de inquietação social, de incerteza, de impulsos reprimidos, de ações frustradas, de mal-estar, de desconforto. [...]. As categorias básicas utilizadas são de origem durkheimiana (anomia/desnomia) e baseada na teoria funcionalista de Merton (organização/desorganização). Uma crise social é vista em termos de inquietação social, e como indicadora de mudança social (GOHN, 2007, p. 40).

Faz-se oportuna uma avaliação dos movimentos sociais que, em maior ou menor grau de organização, “[...] devem ser entendidos em seus próprios termos. Eles são o que dizem ser. Suas práticas (e sobretudo as práticas discursivas) são sua autodefinição” (CASTELLS, 2000, p. 94).

Esses movimentos fazem uso da rede para sua organização e difusão de ideias, e, principalmente, na elaboração não centralizada e em constante mutação dessa forma de discurso construída através da articulação entre a insatisfação com a ordem local e a global.

Como cada situação tem suas peculiaridades e as ações dos agentes públicos e privados se articulam localmente, mas para um benefício global, os movimentos reivindicatórios buscam pensar estratégias de ação pertinente à provocadora. Os discursos tendem a sofrer mutações e/ou alterações para se adequarem a essas ações pertinentes à situação primária (local), embora contenha elementos (e movimentos) parecidos nas várias partes do globo.

São esses elementos – identificação e não-identificação – de ações e situações que unem, por meio da rede, as comunidades ao redor do planeta numa ação conjunta para tentar resolver e

compreender as investidas predatórias do Estado e particulares, pois o tema de ação desses últimos é sempre o mesmo – busca predatória do lucro, nunca em benefício da comunidade local, mas sempre em nome do grande capital e discurso é sempre do benefício da comunidade local. Para isso, constroem discursos, destroem retoricamente as culturas tradicionais, por meio da cooptação de agentes intracomunidade, redesenhando as realidades para que se convençam que é melhor não resistir.

Compreenda-se por redes as várias formas com que os atores sociais se organizam, planejam ou não ações, executam ou não tais ações, com variado repertório, considerando uma gama de individualidades que se juntam e formam uma coletividade em busca de interesses comuns ou não, mas que têm como pano de fundo, manifestar a indignação ou descontentamento com determinado ultraje por parte do poder (representado pelo Estado ou por particulares) dos direitos individuais e coletivos. A rede pode ser física ou abstrata (sindicatos, partidos políticos, ONGs, conselhos de classe, redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, fóruns virtuais etc.).

As redes físicas reivindicam os direitos de entes associados, portanto, defendem interesses comuns de classe, enquanto as redes sociais são abertas a todos os públicos, os quais podem manifestar-se nos mais variados campos de sentido e aferição de direitos e deveres (cobram, reclamam, criticam, ofendem) reivindicando de forma abstrata, muitas vezes no anonimato, mas não menos importante, pois atingem dimensões planetárias, o que a rede física dificilmente atingiria.

Vale ressaltar que seja física ou abstrata, as redes constituem instituições. É a instituição que à rede dá sustentação ideológica, identidade, objeto de unidade de luta. É através da instituição que a rede se sustenta moralmente e é através dela que valida suas reivindicações, que expressa sua indignação, sendo vista como autêntica representante da classe ou do discurso do sujeito que por ela se expressa.

Mesmo partindo da compreensão de que as mudanças sociais são inegavelmente resultado da ação de indivíduos organizados que reivindicam mudanças dentro de uma estrutura de dominação preexistente, não é a validade das pautas e sim os resultados quase sempre satisfatórios dos movimentos que está em questão, assim como de sua relação com as mídias sociais e a capacidade dessa relação produzir efeitos políticos.

A fase do capitalismo que caracteriza o último quartel do século XX, que para alguns autores é denominado de capitalismo informacional ou a sociedade em rede, traz em seu bojo um elemento transformador - a informática. Essa se funde às telecomunicações e o resultado disso é uma nova estrutura de interação em que a sociedade de mera espectadora das mídias se torna protagonista do processo de construção e difusão de informações.

A informática transformou a *práxis* humana. Possibilitou transformações as mais variadas, dentre as quais, a estrutura e a forma de comunicação e dessa, uma reviravolta nos movimentos sociais, diferindo-os dos tradicionais, onde as pessoas se juntavam em grupos nas

ruas, praças e avenidas para reivindicar seus direitos, seja organizado em sindicatos, como estudantes ou como integrantes da sociedade civil (cidadão). A rede (virtual) não exclui a organização em grupos e pertencentes a determinadas classes ou identificação, mas os recebe como agentes individuais que interagem em causa própria ou por identificação de classe, identidade, agindo, portanto, em nome do grupo a que nutre sentimento de pertença.

Segundo Castells (2010) para que se compreenda as mudanças ocorridas nos primeiros anos do século XXI na economia, na cultura e na própria sociedade, é necessário urgentemente tecer uma nova abordagem, pois essas não são as de outrora, o são de um tipo novo e permeado de intensas crises e conflitos. Para ele, o crescimento da economia como está sendo, o é globalmente criminosa.

A sensação de desorientação é formada por mudanças radicais no âmbito da comunicação. [...]. A passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais para um sistema de redes horizontais de comunicação organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio introduziu uma multiplicidade de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade. [...]. Como as redes não param nas fronteiras do Estado-nação, a sociedade em rede se constitui como um sistema global, prenunciando a nova forma de globalização característica do nosso tempo (CASTELLS, 2010, p. I, II - prefácio).

Uma sociedade com ênfase na utilização intensiva do conhecimento por meio de inovações tecnológicas oferecidas pela microeletrônica, pela informática e pelas novas tecnologias de comunicação, onde o avanço da agência da tecnologia sobre a sociedade provoca novas formas de se relacionar grupos e indivíduos, os quais "agruparam-se em torno de redes de empresas, organizações e instituições para formar um novo paradigma sociotécnico" (CASTELLS, 1999, p. 77). Travancas e Nogueira (2016, p. 23) destacam a ação do governo brasileiro quanto ao uso da comunicação de massa, apontando que "[...] as dimensões políticas e culturais estratégicas presentes nesse jogo em que a utilização dos meios de comunicação de massa desempenha papel central". Maia (2009) destaca a forma como os atores sociais e coletivos buscam engajamento por meio da comunicação de massa com adensamento na esfera pública.

A análise do processo de transformação decorrente do uso das novas mídias de comunicação em massa³ parte do interesse em compreender a ascensão de novas formas de mobilização política decorrentes de uma rede que serve de infraestrutura mundial democrática em sua forma de funcionamento e descolada das estruturas de dominação da mídia tradicional. O

³ Comunicação de massa significando que tais meios são colocados de forma vertical, porém, alguns se horizontalizam numa nova relação, ou seja, essas novas mídias possibilitam a interação entre os agentes do processo comunicativo que se retroalimenta (emissor-mensagem-receptor-mensagem).

ciberespaço oferece a oportunidade de retomada da arena pública pelo cidadão comum, reavivando politicamente as possibilidades de pensar alternativas de igualdade e justiça social.

Contudo, é preciso refletir sobre até que ponto a mídia é democrática e até que ponto as mídias tradicionais – aquelas que impõem verticalmente uma forma de pensar e agir – não estão entrelaçadas nessas novas mídias. Parte-se da ideia de que a internet, por permitir acesso a todo e qualquer indivíduo (desde que pague por esse acesso) seria, portanto, democrática. Já, pensar o termo descolado, pauta-se na ideia de horizontalidade em detrimento da verticalidade – internet e televisão – um dualismo que está perdendo sua essência, uma vez que essa mídia tradicional (televisão) está se entrelaçando às novas mídias, no sentido de também interagir com seu receptor, mas esse processo ainda carece do desenvolvimento de algumas ferramentas de interação, o que as mídias ligadas a internet e usadas de forma massiva por pessoas de diferentes contextos sociais, já estão um passo à frente. Logo, é democrática por não fazer distinção entre seus usuários quanto ao acesso, embora o faça quanto ao conteúdo e, é descolada no sentido de permitir interação entre seus usuários de forma mais rápida que o meio tradicional que ainda galga tal posição.

Tratamos neste ensaio, de dois momentos pelos quais passou os Movimentos Sociais, sendo eles: os tradicionais e os Novos Movimentos Sociais (aliados às redes sociais por meio das tecnologias da informação e da comunicação). Avaliamos que os historicamente Movimentos Sociais tradicionais (que aconteciam antes da internet e continuam atuando fora dela), permanecem como forte aliado nesse novo paradigma do social. Os Novos Movimentos Sociais buscam novas maneiras de se pensar o espaço urbano, de se mobilizar e atuar politicamente, seus usos se concretizam por meio desses levantes que ocorrem ao redor do mundo. Isso torna pertinente a discussão aqui empreendida.

Para exemplificar e já ir encerrando o texto, por enquanto, trazemos uma reflexão sobre como os zapatistas conseguiram se metamorfosear do mundo físico para o mundo da/na rede. “A capacidade de os zapatistas comunicarem-se com o mundo e a sociedade mexicana e de captarem a imaginação do povo e dos intelectuais acabou lançando um grupo local de rebeldes de pouca expressão para a vanguarda da política mundial” (CASTELLS, 2000, p. 104). Acreditamos ser possível transformar o mundo. Finalizamos com uma fala atribuída a Paulo Freire: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio pretendeu fazer alguns questionamentos acerca dos movimentos sociais em rede (Novos Movimentos Sociais) a partir da indignação dos mais variados atores sociais pelo mundo. Buscou-se amparo na literatura, sobretudo, de Manuel Castells, Pierre Levy e Maria da Glória Gohn, assim como Angela Alonso e Luc Boltanski e Éve Chiapello. Os primeiros teceram amplos discursos sobre cibercultura, ciberespaço, internet e meios de comunicação de massa como formas

de manifestação e, Gohn que discutiu as bases dos movimentos sociais até as abordagens contemporâneas.

Passou, portanto, pelas teorias clássicas dos movimentos sociais até às redes de indignação e esperança, de acordo com Castells. Destacamos que os movimentos sociais no primeiro quarto do século XXI tem sido ampla e exaustivamente discutido. As arenas se ampliaram do espaço físico para o espaço digital (as redes sociais, especialmente *Facebook* e o *Twitter*). Essas duas redes sociais protagonizaram e antagonizaram uma guerra de narrativas sem precedentes, especialmente no tocante a dois aspectos da vida em sociedade – a ideologia da divisão de classes em uma clara demarcação em direita e esquerda.

Essa divisão da sociedade em dois lados é um fenômeno mundial, mas vale destacar as coalizões empreendidas no Brasil e nos Estados Unidos, muito nitidamente. E a internet, por meio das redes sociais, exerceu papel fundamental nessa guerra de narrativas, especialmente no campo da política, fomentando uma ideologia político-econômica que levou, pessoas sem qualquer poder aquisitivo, a se posicionarem em favor de uma classe que não o representa cultural e economicamente.

Todavia, esse espaço *cyber*, é democrático no sentido em que não cerceia ninguém e se torna com isso, um aliado, para quaisquer que sejam os lados, mas é sobretudo, um espaço em que as pessoas podem se manifestar sobre assuntos os mais diversos – do micro ao macro – política, economia, cultura, arte, gênero, educação, lazer, turismo, história.

REFERÊNCIAS

ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um debate contemporâneo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, p. 49 – 86, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/i/2009.n76/>. Acesso em: 8 jul. 2023.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, É. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. v. 1.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Ed. Paz e Terra. 2000. v. 2.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DÍAZ BERNAL, J G. **Encontros da Tecnologia e sociedade da informação**. Orientador: Humberto Aparecido de Oliveira Guido. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21134/1/EncontrosTecnologiaSociedade.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2022.

FONTES, V. **O Brasil e o capital imperialismo**: teoria e história. - 2. ed. - Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

GONÇALVES, S. R. Classes sociais, lutas de classes e movimentos sociais. *In*: ORSO, P. J.; GONÇALVES, S. R.; MATTOS, V. M. (Orgs.). **Educação e lutas de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

GOHN, M. da G. **Movimentos sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOHN, M. da G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. – 6. ed. - São Paulo: Edições Loyola. 2007.

HARVEY, D. et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo e Carta Maior, 2012.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, C. S.; MARQUES, W. R.; ROCHA, L. F. de B. V.; HOMEM, G. R. C. O papel da internet no uso do WhatsApp como recurso educacional: uma revisão sistemática da literatura no contexto da educação. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218**, [S. l.], v. 3, n. 11, p. e3112165, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i11.2165. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2165>. Acesso em: 7 jul. 2023.

MAIA, R. C. M. Atores da sociedade civil e ação coletiva: relações com a comunicação de massa. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 76, p. 87–118, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/i/2009.n76/>. Acesso em: 9 jul. 2023.

MARQUES, W. R. LUTA DE CLASSES, MÍDIA, RELIGIÃO E POLÍTICA NO BRASIL. **REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE - ISSN 2763-8928**, [S. l.], v. 2, n. 11, p. e211108, 2022. DOI: 10.47820/acertte.v2i11.108. Disponível em: <https://acertte.org/index.php/acertte/article/view/108>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MARQUES, W. R.; ROCHA, V. M. da; ROCHA, L. F. de B. V.; MARQUES, A. P. C.; CANTANHEDE, M. C. Aplicabilidade da tecnologia no ensino e na produção artística / Applicability of technology in teaching and artistic production. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 9, p. 66049–66058, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n9-147. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16275>. Acesso em: 9 jul. 2023.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Trad. Pietro Nassetti. Editora Martin Claret. São Paulo, 2006.

RODRIGUES DE SOUZA, R. B. Primavera árabe e ocupações pelo mundo: um novo marco para a práxis transformadora. **Lutas Sociais**, [S. l.], n. 29, p. 187–189, 2012. DOI: 10.23925/ls.v0i29.18508. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18508>. Acesso em: 9 jul. 2023.

TRAVANCAS, I.; NOGUEIRA, S.G. (Orgs.). A comunicação de massa no campo da antropologia. **Antropologia da comunicação de massa** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Paradigmas da Comunicação *collection*, p. 9-25. ISBN 978-85-7879-332-6. SciELO Books. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/fyks3/pdf/travancas-9788578793326-01.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.